



A última Cruzada de Frederico Barbarossa no *Liber ad Honorem Augusti*

Frederick Barbarossa's last crusade on the *Liber ad Honorem Augusti*

Nachman FALBEL¹

Vinicius Cesar Dreger de ARAÚJO²

Resumo: Este artigo analisa as imagens relativas à participação de Frederico I Barbarossa na terceira cruzada e contidas no *Liber ad Honorem Augusti*, documento escrito por Petrus de Ebulo para homenagear Henrique VI no final do século XII. Além disso, procuramos compreender as imagens tanto no contexto da origem da fonte – o Reino Normando da Sicília – quanto da cruzada de Frederico I.

Abstract: This paper wants to study the iconography about Frederick Barbarossa's expedition in the Third Crusade in the *Liber ad Honorem Augusti* of Petrus de Ebulo, composed to laudate Henry VI in late XIIth century. Thus, we looked for the comprehension of the images in various contexts: from their origins – the Norman Kingdom of Sicily – and the proper crusade of Barbarossa.

Palavras-chave: Frederico I – Cruzada – Sacro Império Romano – Império Bizantino.

Keywords: Frederick I – Crusade – Holy Roman Empire – Byzantine Empire.

I. Introdução

Frederico I Barbarossa foi o monarca germânico mais importante do século XII e, conseqüentemente, seu longo reinado (1152-1190) possui uma vasta riqueza documental, incluindo seu último empreendimento: a participação na Terceira Cruzada. Ela foi bem documentada por testemunhos oculares como a assim chamada *Historia de expeditione Friderici imperatoris* de “Ansbert”, a *Historia peregrinorum*, a *Epistola de morte Friderici imperatoris* e a *Narratio itineraris navalis ad Terram Sanctam*.³ E também foi tratada em outros relatos importantes

¹ Professor Titular de *História Medieval* na USP. E-mail: nfalbel@terra.com.br

² Doutorando USP/FFLCH - FAPESP. E-mail: viniciusdreger@yahoo.com.br

³ Editadas por CHROUST, Anton. *MGH*, SS, V.

como a crônica de Magnus de Richersberg⁴, na *Chronica Slavorum* de Arnold de Lübeck⁵ e na crônica de Otto de St. Blasien⁶, entre outros. Além do mais, pode-se cotejar as fontes latinas com outras visões, como as bizantinas (Nicetas Choniates), árabes (Baha ad-Din e Ibn al-Athir) e judaicas (Rabbi Eleazar bar Judá).

Incidentalmente o reinado de Frederico também possui considerável riqueza iconográfica, sendo mesmo possível reconstruir várias passagens de sua vida com imagens contemporâneas (considerando iluminuras e esculturas em pedra ou metal). Sua última jornada não foi exceção, já que se trata de um episódio que adquiriu cores trágicas e traumáticas para o Ocidente, principalmente na Germânia.

Dentre as várias fontes disponíveis, destaca-se por várias razões (proximidade cronológica, acesso do autor às informações documentais e testemunhais, riqueza textual e iconográfica) o *Liber ad Honorem Augusti*, composto pelo *magister* Petrus de Ebulo entre 1194 e 1197, dedicado a Henrique VI, filho e sucessor de Frederico I. Este documento é uma crônica poética da incorporação do reino siciliano aos domínios dos Hohenstaufen através da união dinástica entre Henrique VI e Constança de Hauteville, filha póstuma de Rogério II e tia de Guilherme II, que após a morte sem herdeiros legítimos deste último, tornou-se a herdeira legítima do trono sículo-normando.

Trata-se de um texto escrito por um partidário desta união⁷, ligado à corte siciliana de Henrique VI e que devido a esta situação pôde consultar documentos e testemunhas como um dos principais sobreviventes da expedição de Frederico ao Oriente, o marechal imperial de ambos os reinados, Markward de Annweiler, por exemplo.

A obra é composta por 54 folhas de pergaminho, onde se encontram distribuídos 1673 versos nas páginas pares e 54 páginas completamente iluminadas, sendo esta a característica mais marcante deste documento, já chamado de “Tapeçaria de Bayeux em pergaminho”, tamanha a sua riqueza iconográfica e origem normanda em comum à tapeçaria comemorativa de Guilherme o Conquistador. Assim como a tapeçaria, o *Liber ad Honorem Augusti* subsiste em apenas um exemplar, depositado na Biblioteca Municipal de Zurique (Codex 120 II), sendo que no século XX existem apenas dois

⁴ MGH, SS, XVIII.

⁵ MGH, SS, XXI.

⁶ MGH, SRG, XX.

⁷ Ao contrário do outro grande cronista siciliano do período Hugo Falcandus, autor do *Liber de regno Siciliae*.

estudos críticos do texto, o de Siragusa (1906) e o de Köhlzer (1994)⁸, sendo que apenas este último apresenta as reproduções de todas as imagens.

Em relação à última cruzada de Frederico Barbarossa podemos encontrar no documento cerca de trinta e três versos (1573 a 1606, f. 142v, Particula L, páginas 109 a 111 ed. Siragusa e 233 ed. Köhlzer) e duas páginas iluminadas (107r e 143r, páginas 83 e 235 ed. Köhlzer), sendo que o grande destaque se encontra na representação da morte do imperador no rio Salef. O objetivo de nosso artigo encontra-se justamente na análise dos fragmentos iconográficos relativos a Frederico I no documento.

Mas, para alcançarmos uma compreensão adequada da fonte, devemos levar em consideração o entrelaçamento de dois elementos contextuais: os interesses mediterrânicos dos Hohenstaufen (as campanhas italianas e as relações com o império bizantino e o reino siciliano) e a própria história da expedição de Frederico.

II. Frederico Barbarossa e o Mediterrâneo

Era inevitável que Frederico se envolvesse com o mundo mediterrânico ao assumir o trono germânico em 1152. O reino da Itália era parte integrante do Império Romano de Carlos Magno e refundado por Otto I. Porém, Frederico havia herdado uma situação deveras complicada em relação à real autoridade de seus títulos na vida cotidiana italiana.

Desde o início do século XI encontrava-se em desenvolvimento um processo que desalojou os nobres italianos (*capitanei*) do poder sobre as cidades e que se repetia alienando a suserania dos bispos sobre as mesmas, deixando o poder nas mãos de colegiados dos principais burgueses, as comunas. A princípio (durante o reinado de Conrado II) este processo havia beneficiado a autoridade régia ao eliminar a concorrência dos grandes nobres e depositar o poder nas mãos dos bispos, que, por sua vez, eram homens indicados pelo monarca, levando assim as cidades a um controle indireto do imperador. Mas a situação tomou rumo diverso com o falecimento de Henrique III em 1056.

Este imperador procurou ao mesmo tempo reformar a Igreja e controlar solidamente as investiduras, tanto episcopais quanto abaciais. Ademais, Henrique III exerceu um poderoso movimento centralizador em relação à nobreza germânica em continuidade à política de seus antecessores Henrique

⁸ PETRUS DE EBULO (ed. G.B. Siragusa). *Liber ad Honorem Augusti*, Roma: Istituto Storico Italiano, 1906 e PETRUS DE EBULO (ed. Theo Köhlzer e Marlis Stähli). *Liber ad Honorem Augusti – Eine Bilderchronik der Stauferzeit*, Sigmaringen: Jan Thorbecke Verlag, 1994.

II e Conrado II, com a implantação de um conceito de realeza hierárquico, sagrado e transpessoal, que exigia a total submissão da nobreza e do clero ao *vicarius Dei*, o imperador romano ocidental, rei da Germânia, Itália e Borgonha. As guerras civis e a simultânea Contenda das Investiduras que flagelaram a Germânia a partir da década de 1070, são reações a esta centralização que excluía do poder os príncipes germânicos e avassalava a Igreja. Entre 1073 e 1152 a Germânia encontrou-se mergulhada em guerras civis e choques com Roma que levaram à instituição de antipapas, declarações de excomunhão contra o imperador Henrique IV e o declínio da autoridade imperial tanto na Germânia quanto na Itália e Borgonha. A reforma gregoriana afetou diretamente a natureza do relacionamento entre bispos e monarcas, além da própria idéia da sacralidade dos mesmos (a Teocracia Imperial), fundamentos da autoridade dos Sábios.

A monarquia praticamente só não foi extinta na Germânia devido ao fato de que estas forças terem combatido até a exaustão: o papado e os príncipes contra o monarca; depois os príncipes e o monarca contra a ingerência crescente do papado e assim sucessivamente, incluindo a poderosa interferência dos príncipes leigos e eclesiásticos nos procedimentos eleitorais germânicos em 1125 e 1138, que elevaram ao trono Lotário III e Conrado III, respectivamente, sendo que estes reinados tiveram suas legitimidades contestadas e foram entremeados por conflitos civis entre as poderosas famílias Welf e Hohenstaufen.

Em 1152, num processo eleitoral que visava barrar conscientemente a ingerência eclesiástica dos procedimentos anteriores, foi eleito um candidato de compromisso, Frederico duque da Suábia, Hohenstaufen por linhagem paterna e Welf pela materna. Como monarca Frederico I tinha como principal desafio restaurar o poder e o prestígio da monarquia imperial abalados por oitenta anos de conflitos. Ele embarcou em um vasto programa de readequação das estruturas de poder e autoridade legal, judicial, territorial e patrimonial que, de certa forma, veio a regularizar os relacionamentos feudais com a coroa e diminuíram as tensões internas entre a monarquia e os príncipes germânicos, tanto leigos quanto eclesiásticos (sendo que estes últimos alinharam-se, em sua maioria, com a coroa em relação à ingerência romana).

Este processo redefiniu a natureza dos ducados e dos condados (dos “ducados étnicos” aos ducados territoriais definidos pela soma de posses e direitos alodiais e feudais e dos condados como funções públicas dos carolíngios aos condados como circunscrições judiciais) e reforçar o

relacionamento feudal direto dos príncipes com o monarca (*Heerschildordnung*).⁹

Alcançado o objetivo de pacificar a Germânia (em especial com a normalização das relações entre Henrique o Leão, duque da Saxônia e Bavária, e Henrique *Jasomirgott*, duque da Áustria, ambos parentes do monarca – respectivamente primo materno e tio paterno – com a promulgação do *Privilegium minus* em 1156 que separou em definitivo a Áustria da Bavária), Frederico voltou-se para os outros reinos que constituíam seu Império: Borgonha e Itália.

A situação borgonhesa foi a princípio controlada pela concessão da reitoria sobre o território aos duques de Zähringen e depois assumida pelo próprio imperador com seu casamento com Beatriz da Borgonha em 1156.

Em relação à Itália, ela se apresentou desde o início do reinado como um sério problema a ser resolvido. Para que o rei da Germânia fosse reconhecido como Imperador, necessitava cruzar os Alpes e receber a coroação papal. Além disso, Frederico teria que lidar com a labiríntica política competitiva das comunas lombardas, desatar o já longo nó que envolvia a posse da Toscana e das assim chamadas Terras Matildinas e com o reino Normando da Sicília em sua luta contra o Império Bizantino. Para disciplinar a Itália, Frederico precisava envolver-se nestes múltiplos conflitos.

No correr de aproximadamente vinte e cinco anos, as fortunas imperiais na Itália foram variadas: até 1162, Frederico, através de alianças com várias comunas, foi capaz de conter Milão – a principal comuna lombarda – e impor uma reorganização regional baseada na reutilização do Direito Romano, mas entre 1163 e 1176 sua sorte declinou e ele teve que entrar em acordo com as comunas, reconhecendo sua independência, mas estas reconheceram sua suserania e o pagamento de vários direitos ao imperador (Paz de Constança, 1183).

A sua derrota em Legnano (1176), forçou-o a entrar em acordo com a Igreja, reconhecendo ao papa Alexandre III e este, por sua vez, reconheceu a suserania imperial sobre a igreja germânica e o controle de Frederico sobre as Terras Matildinas, termos sacramentados na paz de Veneza em 1177. Por fim, suas relações com o reino Normando da Sicília foram normalizadas, sendo que Frederico selou a paz com William II ao noivar seu filho, futuro Henrique VI, com a tia do monarca siciliano, Constança de Hauteville, última filha de

⁹ Processo analisado em detalhe em ARAUJO, Vinicius C. D. *Honor Imperii: A legitimidade política e militar no reinado de Frederico I Barbarossa*, tese de doutoramento a ser defendida na USP em novembro de 2010.

Roger II e, enquanto William não tivesse descendência, herdeira do reino em 1184 (na mesma festa em que Henrique e Frederico V foram elevados à cavalaria). Em 1186, seu casamento foi realizado em conjunto com a coroação de Henrique como rei da Itália. O plano de Frederico para a inserção de seu filho Henrique nos assuntos italianos culminou com a morte sem descendentes de William II em 1189, que garantiu que a ascensão de Henrique e Constança ao trono sículo-normando seria legítima, mesmo que os barões locais tivessem escolhido um membro secundário da descendência de Roger II como rei: Tancredo conde de Lecce, o principal inimigo de Henrique no *Liber ad Honorem Augusti*.

Desta forma, Frederico teve sucessos moderados em relação ao papado e as comunas, mas alcançou sucessos sólidos em relação à Toscana e o Sul da Itália, sendo que os Hohenstaufen se tornaram herdeiros da política mediterrânica dos Hauteville e de suas rivalidades com os bizantinos, que, desde a segunda cruzada (1147-48), não devotavam amor a Frederico Barbarossa.

III. A última jornada do velho imperador – a expedição cruzada de Frederico Barbarossa

Frederico I foi o último dos grandes monarcas ocidentais a assumir a cruz na Dieta de Mainz a vinte e sete de março de 1188, mas foi o primeiro a tomar providências práticas para a mobilização de seu exército.

O movimento cruzado foi promovido desde o início por Frederico Barbarossa. É improvável que o velho imperador (que se aproximava dos setenta anos) tivesse em mente muito mais do que levar sua longa e árdua carreira a um clímax heróico, “*a boa consumação de suas virtudes*”, como disse o cronista.

Ele sabia, mais do que os outros, que poderia pagar com sua vida por esta última aventura. Ele havia estado com Conrado III na primeira tentativa dos germânicos em deixar sua marca no oriente. Agora a oportunidade se apresentou para a redenção daquele desastre e complementar os limitados sucessos do império na Itália, com um esforço supremo em prol da Cristandade ocidental. Não importa o quão perturbado ele tenha ficado com as tentativas de Manuel Comneno, o falecido imperador bizantino, em atrapalhar suas ambições italianas (sendo um dos mantenedores da Liga Lombarda), Frederico já considerava como águas passadas.

A situação delicada em que o império bizantino se encontrava no momento poderia ser tentadora para alguém mais ambicioso; mas para Frederico

significava apenas que, se propriamente utilizada, a situação interna do império bizantino poderia facilitar a peregrinação germânica ao oriente. Assim não existem razões suficientemente boas para discordar das admiradas palavras de Ansbert, o cronista oficial da expedição:

Nem os membros enfraquecidos pela venerável velhice, nem os contínuos labores do veterano serviço militar (...), nem a abundância de riquezas ou prazeres, nem os grandes negócios do império (...), nem o carinho por seus amados filhos poderiam impedi-lo de trilhar a longa e árdua estrada da peregrinação armada. Um glorioso ancião, que por seu exemplo inspirou os jovens a lutar por Cristo.¹⁰

Milhares de homens seguiram seu exemplo e tomaram a cruz. A data da partida foi fixada para o dia vinte e três de abril de 1189, dia de São Jorge, data simbólica de bons augúrios, já que São Jorge era um dos principais santos militares.

Porém, antes de partir era necessário tanto pacificar a Germânia quanto preparar diplomaticamente a rota de marcha. O obstinado arcebispo de Colônia, Felipe de Heinsberg, teve que fazer a paz com o imperador devido à sua agressiva política de aquisições territoriais após à sua elevação a duque da Westfália em 1180 com a queda de Henrique o Leão. Aliás, a este ex duque da Saxônia e da Bavária, foi oferecida a escolha de participar da cruzada na dependência do imperador ou de partir em um exílio de três anos, sendo que esta última foi a opção por ele escolhida, rumando, novamente, para as terras de seu sogro, Henrique II da Inglaterra.

Com a Germânia pacificada, a prioridade de Frederico era garantir boas relações com os governantes das terras pelas quais seu exército trafegaria. O arcebispo Conrado de Mainz foi enviado para negociar direitos de passagem e mercado com o rei Bela III da Hungria. É provável que cartas tenham sido enviadas para o “*Grande Zupan*” (governante) da Sérvia, Estêvão Nemanja, e seus irmãos. Uma embaixada partiu para negociar os mesmos termos com o imperador bizantino Isaac Angelus. Gottfried de Wiesenbach foi enviado ao sultão seljúcida Killij Arslan II em Iconium (Konya) e Henrique de Dietz foi enviado ao próprio Saladino, para ameaçá-lo com a guerra dentro de um ano caso os lugares santos não fossem devolvidos.

A despeito de todas as dificuldades inerentes à rota terrestre, que o imperador já havia experienciado, ele deve ter sentido que seria mais simples removê-las através de negociações do que conseguir transporte marítimo para um grande exército que poderia não encontrar porto amigável para desembarcar.

¹⁰ ANSBERT, p. 05, linhas 18-28 e p. 06, linhas 1 e 2.

Saladino rejeitou o ultimato de Frederico e acertou uma aliança com o imperador bizantino Isaac Angelus que deveria retardar ou impedir o progresso germânico pelas terras gregas. Outras embaixadas vieram à Germânia para encontrar Frederico na Dieta de Nuremberg em dezembro de 1188. A embaixada sérvia anunciou que Nish seria aprontada para receber o exército cruzado. As notícias de uma invasão do oriente em larga escala por um poderoso exército germânico causaram profunda impressão: Killij Arslan enviou uma grande embaixada (mil homens e quinhentos cavalos, segundo as fontes) prometendo ao imperador que não haveriam obstáculos em sua rota de marcha pelos territórios seljúcidas da Ásia Menor.

A embaixada bizantina encabeçada pelo chanceler João Ducas, foi mais cautelosa e franca: a Frederico foi explicado que Isaac “desde o momento em que a idéia de uma grande expedição a Jerusalém se tornou amplamente conhecida” ele havia suspeitado de que “não apenas o imperador, mas também o rei da França liderariam uma invasão hostil a seu reino” (ANSBERT, p. 15, linhas 24-28). A não ser que Frederico dissipasse estes temores, seria necessário a Bizâncio recusar a passagem pelo seu território e de fato opor-se aos germânicos de todas as maneiras.

Isto pareceu razoável a Frederico e três distintos príncipes germânicos, o bispo Gottfried de Würzburg, o filho do imperador duque Frederico V da Suábia e o duque da Áustria Leopoldo V (primo do imperador Frederico e filho da princesa Theodora Comnena) juraram solenemente as intenções pacíficas dos cruzados em relação aos gregos; a isso os enviados responderam positivamente e ficou acertado que os gregos forneceria aos cruzados guias para atravessar o território bizantino, suprimentos e comida em mercados regulares e providenciar transporte pelos estreitos até a Ásia Menor. Para supervisionar os preparativos para a recepção do exército cruzado, foi enviada a Constantinopla uma embaixada constituída pelo bispo Hermann de Münster, os condes Rupert de Nassau, Walram e Henrique de Dietz além do camareiro imperial Markward de Neuenburg.

Na data fixada de vinte e três de abril de 1189, os cruzados reuniram-se na Dieta de Regensburg (Ratisbona), na qual foram feitos os últimos arranjos, sendo que o príncipe Henrique (que havia sido coroado rei dos Romanos em 1184 e casado com Constança de Hauteville, princesa siciliana em 1186) foi deixado com a regência do reino e uma situação pacificada e em alerta para o caso de emergências da cruzada. A onze de maio o exército germânico, que se dizia ter uma força de cem mil homens, com um núcleo de vinte mil

cavaleiros¹¹ (sendo que o total de cavaleiros variava nas fontes até trinta mil, sendo assim distribuídos: aproximadamente cinco mil cavaleiros pesados, vinte e cinco mil cavaleiros leves, sessenta e cinco mil infantes e dez mil não combatentes), partiu em sua cruzada com as bolsas repletas com dinheiro, já que, para evitar problemas com o abastecimento durante a marcha, foi estabelecido que cada cruzado deveria trazer consigo reservas financeiras para ao menos um ano de suas despesas e o imperador ainda mobilizou consideráveis reservas confiadas a um certo Bernardus (Teutonicus), banqueiro germânico radicado em Veneza que movimentaria estes recursos entre Veneza, Constantinopla e Tiro. O imperador e um seleto grupo navegaram pelo Danúbio enquanto o restante seguiu por suas margens.

Esta marcha foi liderada por ambos os Fredericos, pai e filho (Frederico V da Suábia), pelos bispos de Liège (Rudolph de Zähringen), de Würzburg (Gottfried de Spitzenberg), de Passau (Diepold de Berg), Regensburg (Conrado III de Laichling), Basileia (Henrique I de Horburg), Meissen (Martin), Osnabrück (Arnold de Altena), Toul (Pierre de Brizey), Münster (Hermann II de Katzellenenbogen), Raab (Ugrinus), o arcebispo de Tarentaise - Moutiers (Haimo de Briançon) e o abade Isenric de Admont (na Estíria).

Entre os líderes laicos estavam: Berthold IV de Andechs-Meran (duque da Dalmácia e margrave da Ístria), Berthold I de Vöhrburg (margrave de Nordgau), Hermann IV de Zähringen (margrave de Baden e de Verona), Florent III (conde da Holanda) e seu filho Willem e seu irmão Otto II (conde de Pentheim), Henrique (conde de Seyn), Henrique (conde de Sponheim) e seu irmão Simon, Henrique II de Arnsberg (conde de Cuyk), Dietrich (conde de Wied), Engelbert (conde de Berg), Henrique (conde de Saarbrücken), Frederico (conde de Abenberg), Poppo VI (conde de Henneberg), Conrado (conde de Öttingen), Otric (conde de Kyburg) e seu irmão Adalbert III (conde de Dillingen), Berthold (conde de Nimburg), Henrique (conde de Vöhringen), Gebhard II (conde de Dollnstein), Sigfried II (conde de Lebenau), Conrado (burgrave de Nuremberg) e seu irmão Frederico (conde de Dornberg), Kuno (conde de Falkenstein e Neuburg), Adolfo III (conde de Schaumburg e Holstein), Christian (conde de Altenburg), Liudolf II (conde de Hallermund) e seu irmão Guilherme (conde de Oldenburg), Burchard (conde de Woltingerode), Rupert II (conde de Nassau) e seu primo Walram, Henrique (conde júnior de Dietz), Simon (conde de Salm) e seu irmão Frederico (conde de Vianden), Burchard IV (burgrave de Magdeburg), Widukind (conde de Waldeck), Liutgerus (conde de Woldenberg), Frederico (advogado – *vogt* – de Passau), Otto (conde de Rammsberg), Liutold (conde de Walstein), Adalbert

¹¹ As estimativas são conflitantes, mas embora o número contemporâneo de 100.000 homens esteja inflacionado, o exército de Frederico foi indubitavelmente um dos maiores exércitos cruzados. (MAYER, p 140).

(conde de Weichelsbach), Diepold (landgrave de Leuchtenberg), Henrique (conde de Grunnenbach), Hadubrand (conde de Arnsberg), Poto (conde de Massingen), Conrado (conde de Horbach), Adalbert (conde de Bruckberg), Arnald (conde de Hornberg), Peringerus (conde de Gamburg), Conrado (conde de Schwarzenberg), Hermann (conde de Hirzekke), Berthold (conde de Königsberg), Henrique (conde de Isenburg), Adalbert (conde de Hildinberg), Adalbert (conde de Grumbach), Adalbert (conde de Hohenloe), Eberhard e Reinold (condes de Reifenberg) e Henrique (conde de Hagen).

O espírito deste exército em sua marcha era duro, tendo recebido uma organização rígida e purgado (em várias ocasiões) de elementos indesejáveis. Em sua primeira grande parada próxima a Pressburg (Bratislava), regulamentos foram impostos para disciplinar a todos, incluindo os nobres. Estes regulamentos, decididos em conselho, foram jurados por todo o exército e juízes foram nomeados para garantir o cumprimento dos mesmos; como resultado imediato, as mãos de alguns brigões foram cortadas, assim como as cabeças de alguns ladrões.

A passagem de cinco semanas pela Hungria foi tranqüila e agradável (como já havia sido durante a Segunda Cruzada), com os cruzados contando com a hospitalidade do rei Bela III, sendo que a única queixa dos cruzados em relação à sua temporada húngara foi a taxa de câmbio desfavorável que inflacionou os preços dos suprimentos.

Em compensação, a partir do momento em que a expedição adentrou o império Bizantino, o contraste não poderia ter sido mais chocante: desde o início os cruzados foram assediados por emboscadas, assaltantes, ausência dos mercados combinados anteriormente e hostilidade aberta por parte dos bizantinos. Mas deve-se matizar a situação, considerando que os Bálcãs estavam em revolta aberta contra Constantinopla: sérvios, búlgaros e valáquios. Ademais pode não ter sido possível a Isaac reunir os suprimentos, recursos, guias e transportes necessários para cumprir os encargos aceitos na Dieta de Nuremberg.

Quando o exército parou em Nish, a capital de Estêvão, Nemanya, foi bem recebido e suprido pelos sérvios (cumprindo o que já havia sido acordado) e foi reorganizado em quatro divisões em estado de prontidão, para evitar ser apanhado de surpresa: a primeira divisão foi composta pelas tropas do duque Frederico da Suábia, do bispo de Regensburg, dos margraves de Vöhhurg e Baden e de outros nove condes. Seu porta-estandarte era o conde de Nimburg.

A segunda divisão era composta de cruzados boêmios e húngaros (que se juntaram à expedição durante a passagem da mesma por suas terras) com porta-estandartes próprios. A terceira divisão foi composta com as tropas do duque da Dalmácia e dos bispos de Würzburg, Passau, Liège, Münster, Basileia e Osnabrück, sendo o próprio duque o seu porta-estandarte.

A quarta divisão era a imperial, composta pelos homens do próprio imperador, incluindo as do arcebispo de Tarentaise (vassalo imperial na Borgonha), do bispo de Meissen, do conde da Holanda e de outros dezesseis condes. Seu porta-estandarte era o conde de Nassau, escolhido *in absentia*, posto que se encontrava em missão diplomática em Constantinopla. Estas divisões estavam sob rigorosa organização judicial, tendo sido subdivididas em unidades de cinquenta homens e para cada uma foi escolhido um juiz para os casos civis e militares, excetuando-se apenas aqueles que entravam na esfera da jurisdição dos marechais imperiais, Markward de Annweiler e Henrique de Kalden. Frederico também estabeleceu um conselho de sessenta homens, depois reduzido para dezesseis, com o objetivo de aconselhá-lo em questões militares.

Assim, o exército, acossado por salteadores (bizantinos, búlgaros, sérvios e valáquios), mas em completa prontidão avançou pela Bulgária onde as relações com os bizantinos deterioraram-se ainda mais e, quando os cruzados chegaram a Filipópolis (atual Plovdiv) e nenhuma providência havia sido tomada para abastecer a expedição, Frederico perdeu a paciência e ocupou a cidade e sua região adjacente por onze semanas (a partir do final de agosto). Para piorar a situação, chegaram a Frederico tanto notícias de que sua embaixada em Constantinopla havia sido aprisionada, quanto uma mensagem de Isaac Angelus que demandava que reféns fossem enviados a ele e que Frederico lhe cedesse metade das terras que fossem conquistadas na Síria. A partir disso, Frederico considerou-se livre das obrigações contraídas em Nuremberg e que Isaac só podia ser trazido à razão através da força.

Assim foram iniciadas operações de saque em toda fértil região de Filipópolis e Frederico da Suábia derrotou em combate as tropas bizantinas acantonadas nas proximidades e em ação conjunta com o duque da Dalmácia (ou seja, primeira e terceira divisões do exército), assaltaram e ocuparam as cidades fortificadas de Berrhoea e Petrich; tropas sob o comando do marechal imperial Henrique de Kalden tomaram a fortaleza de Scribention e as do bispo de Passau tomaram a de Brandoveus. Ao final das operações na região, foram tomadas as três mencionadas cidades e dez fortificações, além do abastecimento garantido pelo controle de rica região agrícola em plena época de colheitas.

Agravando ainda mais a situação, Isaac foi lento em reagir, só libertando os embaixadores germânicos em fins de outubro e pior, notícias de suas tratativas com Saladino haviam alcançado o exército cruzado, com muitos de seus líderes pressionando o imperador Frederico a atacar Constantinopla, já que as ações dilatórias dos gregos só poderiam ser explicadas como garantia de tempo para que Saladino reunisse forças suficientes para a destruição dos cruzados na Ásia Menor (de fato, como se pode depreender dos escritos de Baha ed-Din e Ibn al-Athir, Saladino estava reunindo homens e suprimentos para enfrentar a cruzada germânica¹²).

A chegada os embaixadores aprisionados, acompanhados por uma impressionante missão diplomática bizantina a vinte e oito de outubro em nada suavizaram a disposição dos germânicos, já que a embaixada havia sido instruída a novamente demandar reféns e prometer facilitar a passagem dos cruzados concedendo-lhes transporte pelo Helesponto na região entre Sestus e Abydos, longe de Constantinopla. Além disso, não creditavam a Frederico o título de imperador romano, mas apenas de rei dos Alamanos, o que inflamou ainda mais a ira dos germânicos, inclusive do próprio Frederico. Em missivas subsequentes Isaac foi mudando de tom, denominando-o sucessivamente como “*o mais excelente imperador da Alamannia*” e, finalmente “*o mais nobre imperador da antiga Roma*”, mas as demandas de Frederico por reféns selecionados para garantir o futuro cumprimento do acordo de Nuremberg enraivecera Isaac com o fato de que a libertação da embaixada germânica não lhe trouxe vantagem alguma.

Enquanto isso, na ausência de um acordo, o exército germânico decidiu estabelecer seus alojamentos de inverno em Adrianópolis e continuar a guerra contra os bizantinos pela ocupação da Trácia até aos próprios muros de Constantinopla. No dia dezesseis de novembro Frederico enviou a seu filho Henrique na Germânia uma carta na qual relatava o que havia acontecido ao exército até aquele momento e disse-lhe o seguinte:

Já que não podemos cruzar o Braço de São Jorge (Helesponto) a não ser que consigamos do imperador (...) reféns muito selecionados e a não ser que sujeitemos toda a Romania a nosso domínio, nós fortemente urgimos e pedimos à Sua Prudente e Régia Nobreza que mande enviados adequados a Gênova, Veneza, Ancona e Pisa e outros lugares, para reunir um esquadrão de galeras e outras embarcações menores para que nos encontrem em Constantinopla em meados de março e assediem a cidade por mar enquanto o fazemos por terra. Nós aconselhamos Sua Régia Discrição a imediatamente coletar o dinheiro que nos é devido em diferentes lugares e o deposite na casa de Bernardo, nosso agente veneziano. E depois providencie a transferência

¹² GABRIELI, pp. 209-212. MAALOUF, pp. 193-194.

destes recursos para Tiro, já que sabeis que estes nos serão muito necessários devido à inesperada demora que estamos a enfrentar (...).

Também afetuosamente pedimos à Sua Régia Benevolência (...) que não negligencie de escrever ao senhor papa que envie alguns monges às várias províncias para que estes exortem o povo de Deus contra os inimigos da cruz, especialmente contra os Gregos.¹³

Esta mudança no discurso de Frederico foi causada por sua rendição à facção guerreira no exército que pregava o ataque a Constantinopla como solução para a situação com os bizantinos, liderada pelo duque da Dalmácia Berthold de Andechs (que depois foi enviado para assegurar o apoio de Estêvão Nemanya em troca de um reconhecimento de Frederico deste como rei dos Sérvios). Mas ainda assim Frederico não havia desistido da idéia de que Isaac pudesse retornar à sanidade e providenciar a passagem do exército pelos Dardanelos na primavera.

Frederico estava consciente das dificuldades envolvidas em um ataque a Constantinopla: a morte recente de Guilherme II da Sicília tornava improvável o envio de algum auxílio vindo desta região por algum tempo; de Veneza, antiga aliada dos bizantinos, só se poderia esperar, no máximo, neutralidade. A rivalidade entre Gênova e Pisa dificilmente seria apaziguada pelo ataque planejado pelos germânicos a Constantinopla. Também não se acreditava que o papado se lançasse em um ataque aos bizantinos meramente pelo desejo de Frederico Barbarossa e Henrique VI. E se, a despeito de todas estas dificuldades, o ataque a Constantinopla fosse bem sucedido, seria muito difícil evitar que a cruzada parasse aí. Frederico preferia continuar com a cruzada. Assim, um ataque à capital bizantina seria, ao menos para ele, um ato de último recurso. Por isso ele continuou negociando, ao mesmo tempo em que passou a tomar medidas para organizar o assalto à cidade.

O arcebispo de Tarentaise e os bispos de Liège, Passau, Münster e Toul foram deixados com suas tropas para guarnecer Filipópolis e região enquanto o grosso do exército seguiu para Adrianópolis, que foi ocupada a vinte e dois de novembro. Mais uma vez as tropas de Frederico da Suábia e do bispo de Regensburg foram rápidas e ativas na ocupação e pilhagem das cidades próximas. A devastação causada pelos combates constantes com os bizantinos chegou às próprias muralhas de Constantinopla, incluindo a derrubada de grandes áreas florestais (tanto para providenciar combustível para o inverno e matéria prima para abrigos, quanto para negar cobertura a bandos inimigos). No início de dezembro as tropas dos bispos em Filipópolis foram trazidas para Adrianópolis, sendo que ao sair da cidade, as tropas deixaram-na em

¹³ ANSBERT, p. 42. SETTON, p. 96.

chamas e os reides dos germânicos atingiram as cercanias de Tessalônica e mesmo invadiram a Valáquia. Os combates constantes e a animosidade crescente entre germânicos e bizantinos levou uma espiral crescente de violência e saques, que relaxaram a disciplina no exército, incluindo confraternização excessiva com as mulheres locais... Mas foram tomadas medidas disciplinares que coibiram excessos.

Neste meio tempo, a embaixada de Berthold de Andechs aos Sérvios retornou com a afirmativa dos sérvios que prometeram vinte mil homens e Nemanja tomou Pernik, Zemen, Velbužd, Žitomisk, Stob, Prizren e restante de Kosovo, Metohija e chegou mesmo a Skopje (Macedônia). Enquanto isso, os Valáquios ofereceram quarenta mil homens em troca de que seu líder Pedro fosse coroado como imperador em Constantinopla. Frederico manteve em suspenso estas ofertas ao mesmo tempo em que manteve a boa vontade destes possíveis aliados. Paralelamente as negociações com os bizantinos continuaram (aliás, as negociações com os inimigos de Bizâncio devem ter sido utilizadas como pressão sobre os gregos), tendo rodadas de negociação inconclusivas a vinte e quatro de dezembro de 1189 e vinte e um de janeiro de 1190, finalmente a catorze de fevereiro de 1190, Frederico Barbarossa e Isaac Angelus chegaram a um acordo de paz que encerrou as hostilidades entre os dois impérios.

Este tratado estipulava: (1) Isaac renunciou a todas as pretensões de indenização para todas as perdas sofridas para o exército cruzado na Macedônia e na Trácia e Frederico comprometeu-se a não mais causar devastações em terras bizantinas; (2) Isaac comprometeu-se a fornecer os transportes necessários à passagem dos cruzados à Ásia Menor e Frederico comprometeu-se a não impor bloqueio naval a Constantinopla; (3) Durante a passagem, as galeras bizantinas ficariam ancoradas nas praias e (4) o exército bizantino ficaria a quatro dias de marcha do exército cruzado; (5) para o descanso dos cruzados, foram concedidas duas cidades, uma em cada margem do Helesponto; (6) para garantir a boa fé nestas promessas, Isaac concedeu dezoito reféns de sangue real e equivalentes a duques; (7) no caso em que as provisões não fossem entregues aos cruzados, estes poderiam agir em seu próprio benefício, mas com a provisão de que terras bizantinas não fossem transferidas para qualquer governante pagão; (8) Isaac não retaliaria contra quaisquer gregos, latinos ou armênios que tivessem colaborado com Frederico; (9) as taxas de câmbio foram fixadas¹⁴; (10) bons mercados seriam

¹⁴ Os acordos de câmbio entre Frederico e Isaac foram muito sofisticados. O Tratado de Adrianópolis cita o valor do marco de prata em hyperpyra e a equivalência entre o hyperpyron o bilhão trácio. Um marco de prata pura podia ser vendido a 5.5 hyperpyra, sendo que cada hyperpyron podia ser contado como valendo 120 stamena, sendo estas

providenciados ao exército germânico, (11) as posses roubadas aos emissários germânicos que ficaram aprisionados em Constantinopla teriam que ser restituídas e (12) todos os latinos fossem peregrinos ou mercadores, que foram aprisionados, em terra ou no mar, após a abertura de hostilidades deveriam ser libertados. (ANSBERT, p. 64-66)

Com estes termos moderados, Isaac evitou um ataque a sua capital e Frederico poderia retomar sua marcha, tão atrasada. Entre vinte e dois e vinte e quatro de março a primeira divisão do exército, comandada por Frederico da Suábia realizou a travessia para a Ásia Menor, sendo seguido entre os dias 25 e 28 pelo restante do exército, sendo que o imperador Frederico realizou a travessia no dia 28 com os últimos soldados.

A despeito das disposições do tratado de Adrianópolis, a marcha pelos territórios montanhosos dos bizantinos na Ásia Menor até à fronteira Seljúcida, não foi pacífica. Mais uma vez os acontecimentos foram interpretados como traição pelos cruzados, que mais uma vez não compreenderam a fragilidade do governo imperial bizantino e as condições anárquicas presentes na Anatólia como nos Bálcãs. Assim conflitos eclodiram e a cidade de Filadélfia quase foi saqueada pelos cruzados em busca de suprimentos e mercados prometidos, mas não concretizados (vinte e dois de abril).

Os cruzados adentraram o território seljúcida a vinte e cinco de abril de 1190, e imediatamente foram assediados pelos turcos. Os seljúcidas não estavam mais preparados do que os bizantinos para garantir as promessas feitas aos germânicos. O sultão Killij Arslan II havia sido deposto por um de seus filhos Qutb-ad-Din Malik-Shah, que há pouco havia se casado com uma das sobrinhas de Saladino e assim, o sultanato de Rum havia se tornado território hostil aos cruzados. A jornada pelo território montanhoso até Iconium (Konya), entre vinte e oito de abril e dezoito de maio, foi a parte mais difícil, custosa e extenuante de toda a expedição, sendo que o exército sofreu perdas maciças devido a dificuldades logísticas (abastecimento e terreno) e combates incessantes tanto contra exércitos turcos quanto contra bandos de salteadores.

A fome e a sede que atingiram os cruzados fê-los recorrer a expedientes revoltantes como devorar a carne e depois o couro das bestas de carga e quando isso já não estava disponível, passaram a alimentar-se do estrume dos animais, além de tufo de grama (quando disponíveis). A sede era tão

velhas ou novas stamena. LAIOU. “Byzantine Trade with Christians and Muslims and the Crusades”, In: *The Crusades from the Perspective of Byzantium and the Muslim World*, p. 175.

premente que eles recorreram a tomar o sangue das bestas e mesmo sua própria urina (ANSBERT, p. 80-83).

Para garantir a segurança de sua marcha, os germânicos decidiram atacar Iconium após Frederico rejeitar uma proposta dos turcos que supririam o exército em troca de trezentas libras de ouro e a terra dos Armênios. O exército foi redividido em duas divisões: a primeira sob o duque Frederico da Suábia, que atacaria a cidade e a segunda, sob o imperador Frederico, que garantiria a retaguarda. O assalto foi bem sucedido, mas os turcos tentaram atacar a segunda divisão, mas o imperador derrotou-os e juntou-se às tropas da primeira divisão na cidade, onde encontraram depósitos de alimentos e um riquíssimo butim, avaliado em mais de cem mil marcos de prata.

Killij Arslan II foi restaurado no poder e rapidamente entrou em acordo com Frederico: os turcos cederam reféns e suprimentos adequados. Por três dias houve um vasto mercado, onde os germânicos adquiriram não apenas alimentos, mas aproximadamente seis mil cavalos e mulas.

Sob ameaças de executar os reféns obtidos em Iconium, os turcos mantiveram-se à distância, deixando os cruzados em paz, que rapidamente entraram em terras cristãs, na Armênia Menor (Cilícia).

Porém, no dia dez de junho de 1190, ao tentar atravessar o rio Saleph (Göksu), Frederico Barbarossa faleceu. As fontes são controversas, não se sabe ao certo se o velho imperador foi banhar-se no rio, ou se tentava atravessá-lo a vau sobre seu cavalo, se morreu afogado ou sofreu um infarto¹⁵, mas na Idade Média a lealdade era pessoal ao invés de ideológica¹⁶; assim, o exército germânico, unido na lealdade ao velho imperador, desfez-se com a morte deste. Como se isto já não fosse ruim em si, acabou também por privar a cruzada de um líder natural, o monarca *senior* da Cristandade ocidental, tanto em idade quanto em importância, levando à desunião que caracterizou os esforços subsequentes de Leopoldo da Áustria, Felipe II da França e Ricardo I da Inglaterra.

Ibn al-Athir escreveu:

Non fosse Allah demonstrar sua misericórdia e bondade com seus fiéis trazendo a seu justo fim o rei dos Germânicos, quando este estava prestes a conquistar a Síria, alguém teria que escrever hoje: Síria e Egito outrora pertenceram ao Islam.¹⁷

¹⁵ CARDINI. p.349.

¹⁶ FRANCE. p. 153.

¹⁷ Citado em FUHRMANN. P. 176.

IV. O registro iconográfico da expedição cruzada de Frederico Barbarossa no *Liber ad Honorem Augusti*

Como já mencionado, o *Liber ad Honorem Augusti* apresenta quatro iluminuras representando o imperador Frederico I em vários passos de sua cruzada. Esta fonte apresenta poucos estudos, sendo quase desconhecida em sua total riqueza iconográfica pelo público brasileiro e pouco explorada internacionalmente.

A partir deste momento buscaremos analisar estas imagens que são outra forma de apresentar a narração da expedição final de Frederico Barbarossa.

a) Frederico despedindo-se de seus filhos Henrique VI e Felipe da Suábia (folio 143r centro¹⁸)



Esta iluminura mostra Frederico coroado e entronizado, em trajes de gala em vermelho, púrpura e dourado, abençoando seus filhos Henrique VI (à sua direita) e Felipe (à sua esquerda). Henrique porta um grande cetro, símbolo de sua regência sobre o império; ele já havia sido apontado como herdeiro do trono, tendo sido coroado *Rex romanorum* em 1169, aos três anos de idade. Quando Frederico decidiu partir para o Oriente, certamente imaginava que esta jornada poderia ser a sua última, assim, tomou providências para que seu herdeiro nomeado assumisse o controle do Império. Além da nomeação Frederico levou consigo seu primogênito, o duque da Suábia Frederico V como seu lugar-tenente na expedição.

A figura do imperador está representada no centro da imagem, sentada num trono elevado por um degrau. Henrique traz em sua cabeça uma coroa

¹⁸ PETRUS DE EBOLI (ed. KÖHLZER), p. 235.

parecida com a de seu pai, apenas um pouco menor, talvez refletindo seu status como *Rex romanorum*, ou seja, de herdeiro presuntivo ao Império e, a partir deste momento, seu regente efetivo.

O *Barbarossa* está representado de forma tradicional, sendo a figura mais alta na cena; sua expressão facial é tranqüila; seu rosto apresenta a famosa barba avermelhada encaracolada, assim como seus cabelos (similar aos do busto Cappenberg). Seus olhos são simétricos, grandes e amendoados, indicando serenidade, assim como os de seus filhos.

À sua esquerda, Frederico abençoa Felipe, neste momento arcepreste da Igreja de Maria em Aachen (e bispo eleito de Würzburg em 1191), aqui representado com trajes clericais, cabeça descoberta (aparentemente não tonsurada) e uma capa escarlate, flutuante. Seu hábito também é púrpura (apontando o fato de sua eleição episcopal? Não nos esqueçamos que esta imagem foi confeccionada após a morte de Frederico, a ascensão imperial de Henrique, a eleição episcopal de Felipe e mesmo após este ter retornado ao laicado em 1193, sendo, provavelmente, uma composição de várias épocas da vida deste personagem).

Embora esteja sendo retratado um ato de estadista, esta cena possui um certo ar familiar, patriarcal¹⁹, da bênção do pai para os filhos e mesmo um ato de despedida, já que, efetivamente, Frederico nunca mais os viu. Por outro lado, ela também pode ser interpretada em termos das disputas entre *Regnum* e *Sacerdotium*, já que o Imperador, figura central, predomina sobre os poderes leigos (o *Rex romanorum*) e os poderes clericais (o bispo eleito), com certa preponderância do poder leigo (abençoado com a mão direita).

Por outro lado, esta cena em muito lembra uma das representações mais famosas de Frederico Barbarossa, a iluminura representando o imperador entre seus filhos Henrique VI e Frederico V, da *Historia Welforum*, fins do século XII.²⁰

É bem provável que esta cena represente o encontro final entre Frederico e seus filhos, na Dieta de Regensburgo, a vinte e três de abril de 1189, na qual os detalhes finais da cruzada foram acertados. É bem provável que este tenha sido o momento em que o imperador despediu-se de seus familiares e realizou a distribuição do poder entre os mesmos: Henrique, que acumulava experiências como governante desde 1186 (e reconhecido como herdeiro em 1169), recebeu a regência (tanto do império quanto do ducado suábico),

¹⁹ Aliás, a cena tem certo ar veterotestamentário, lembrando-nos Isaac, Esaú e Jacó.

²⁰ http://en.wikipedia.org/wiki/File:Friedrich-barbarossa-und-soehne-welfenchronik_1-1000x1540.jpg

Conrado, casado um ano antes com uma filha do rei de Castela, recebeu o patrimônio de Conrado III em torno de Rothenburg; Otto, foi instalado como conde palatino da Borgonha, controlando diretamente o patrimônio familiar de sua mãe, a falecida imperatriz Beatriz²¹. Finalmente, Felipe, já posicionado em sua carreira eclesiástica, acabou por não receber apanágio.

Mas é interessante que, embora só tenha recebido a bênção paterna, o posicionamento de suas mãos parece sugerir uma entrega voluntária, talvez mesmo uma bênção para seu próprio pai, ao invés das mãos de Henrique, que seguram o cetro, mas estão posicionadas na clássica pose da submissão feudo-vassálica.

B) Frederico liderando a expedição cruzada (folio 107r terço superior)²²



Temos aqui a segunda imagem do *Liber ad honorem Augusti*, retratando Frederico e seu exército rumo ao Oriente. A legenda estabelece: *FREDERICUS FORTISSIMUS IMPERATOR CUM INNUMERA PROCERUM MULTITUDINE DOMUM DOMINI REDEMPTURUS ACCELERAT* (O fortíssimo imperador Frederico, com uma multidão de próceres, célere partiu para redimir a casa do Senhor).

Frederico porta em seu manto a tradicional cruz vermelha dos cruzados sobre o ombro direito, não portando armas, armadura ou qualquer outro adereço que não a coroa imperial. Nesta imagem destaca-se o conjunto entre a barba e as vestes, em um todo que revela a digna majestade do soberano, neste momento já um ancião encanecido (Frederico tinha entre 65 e 68 anos de idade quando faleceu em 1190).

²¹ HAVERKAMP, p.238.

²² PETRUS DE EBOLI (ed. KÖHLZER).p. 83.

O contraste entre o imperador e seus cavaleiros, perfeitamente aparelhados para o combate (portando cotas de malha, elmos cônicos com proteção nasal, marcados com a cruz e lanças para a carga) é interessante, já que pode ser interpretado como o velho e sábio soberano que deixa as aventuras, os feitos de armas aos jovens impetuosos, um lugar comum das narrativas das gestas e romances cavaleirescos, como pode ser visto na *Canção de Rolando*, onde a ação se concentra nos pares de França e não nas mãos de Carlos “da barba florida”, e nos romances arturianos de Chrétien de Troyes, onde a ação foi transferida das mãos de Artur, em sua corte em Camelot, para as dos seus cavaleiros errantes, Lancelot, Ivain e Erec.

Esta conexão é plausível, já que eram estórias que se tornaram muito populares no período, sendo que foram rescritas em dialetos germânicos nas últimas décadas do século XII (*Rolandslied* em 1170, *Erec* e *Iwein* de Hartmann von Aue, entre 1185 e 1200), parte do processo de absorção dos valores cavaleirescos de origem francesa pelo qual a Germânia passava. Por outro lado, não podemos esquecer a possível origem italiana do autor das iluminuras (que pode ser outro que não Petrus de Éboli) e mesmo possivelmente siciliana. Um dos idiomas da corte poliglota de Palermo era justamente o francês (embora no dialeto normando, que funcionava como língua franca, ligando a Inglaterra, a própria Normandia, a Itália Meridional e o principado de Antióquia), permitindo a seus cortesãos o acesso às obras francesas originais.

As cruces em seus apetrechos e os trajes quase que cerimoniais de Frederico poderiam indicar que esta cena foi elaborada tendo-se em mente o início da jornada e as construções à frente do imperador poderiam ser pensadas como talvez as de Constantinopla, mas antes das dificuldades enfrentadas durante a travessia do império bizantino. Mas devemos considerar a idéia de que seja indicativo o contraste entre o imperador desarmado e os cavaleiros prontos para o combate: trata-se da mesma posição apresentada aos bizantinos. Os peregrinos formavam um exército poderoso, mas suas intenções para com os gregos eram pacíficas.

Outro ponto a destacar é o cavaleiro logo atrás de Frederico: podemos supor que se trata do duque Frederico da Suábia, seu filho e principal lugar-tenente no exército, comandando sempre a linha de frente da tropa, por isso recebendo posicionamento especial na imagem, atrás do monarca, mas à frente dos outros cavaleiros e, como reforço à interpretação acima, o duque Frederico foi um dos nobres que juraram as intenções pacíficas dos cruzados aos emissários bizantinos em Nuremberg.

C) Frederico em marcha e seus cavaleiros derrubando uma floresta (folio 143r terço inferior²³)



Ao contrário da imagem anterior, esta já mostra o imperador em trajes régios não mais demonstrando uma atitude pacífica. A derrubada das árvores, embora esteja sendo referenciada na legenda como acontecendo na Hungria, pode estar relacionada com os episódios tanto da travessia da Bulgária (onde salteadores escondiam-se nas florestas para atacar os cruzados), quanto da ocupação da Trácia no inverno entre 1189 e 1190, quando várias áreas florestais foram derrubadas tanto para providenciar matéria-prima para a construção de abrigos e combustível, quanto para negar aos bizantinos os recursos das florestas e a cobertura para a ação de inimigos.

É interessante que nenhuma das figuras representadas o tenha sido portando os sinais inequívocos da peregrinação cruzada. Trata-se de uma ação militar clássica medieval: a devastação do território inimigo, para forçá-lo à submissão, negando-lhe recursos, matando camponeses, destruindo florestas e áreas agrícolas (ainda mais que os germânicos alcançaram a Trácia justamente na época de colheitas).

²³ IDEM, p. 235.

D) A morte do imperador (folio 107r terço central):²⁴

A quarta imagem, extraída do *Liber ad honorem Augusti* e a última a ser analisada, é justamente a da morte do imperador nas águas do rio Salef (atual Göksu) a 10 de junho de 1190.

A iluminura pode ser dividida em três segmentos formais: no plano anterior vemos os cavaleiros que acompanhavam ao Imperador, como sua escolta na vanguarda do exército; em primeiro plano Frederico submerso nas águas do rio com seu cavalo e no plano superior um anjo leva sua alma (na forma de um bebê – convenção artística tradicional na arte medieval) às mãos de Deus. Acompanhando a imagem existem as seguintes legendas: *FREDERICUS IMPERATOR IN FLUMINE DEFUNCTUS* (O imperador Frederico morto no rio) e *ANIMA FREDERICI IMPERATORIS* (A alma do imperador Frederico), acompanhando, respectivamente, os planos principal e superior.

Sabemos que na passagem entre a Anatólia e a Síria, ao cruzar o rio Salef, Frederico faleceu. A dúvida fica se ele morreu afogado ao nadar no rio para se refrescar, ou se ele enfartou ao cair na água gelada (o Salef é abastecido por águas de degelo das montanhas anatólias) devido a um choque térmico.

Ao mesmo tempo em que a imagem do *Liber* dá credibilidade à segunda teoria, uma imagem da *Sachsenweltchronik* do século XV aposta na primeira²⁵. Na verdade a discordância vem das fontes do século XII, sendo que o relato da expedição (*Historia de expeditione Friderici imperatoris*) de um clérigo conhecido como Ansbert e a carta do bispo Gottfried de Würzburg (*Epistola de morte*

²⁴IDEM, p. 83.

²⁵ http://en.wikipedia.org/wiki/File:Emporer_Frederic_I_death.jpg

Friderici imperatoris) já discordavam da forma como o imperador veio a falecer. Embora não saibamos ao certo como o imperador morreu, é interessante que esta imagem mostre Frederico no fundo do rio juntamente com seu cavalo.



O rio Salef/Göksu, no ponto onde tradicionalmente se considera que Frederico morreu.

Fontes islâmicas ironizam a morte de Frederico em um rio cujas águas não passariam de sua cintura. Ora, se este fato for verdadeiro, quando levado em consideração com as informações desta imagem, as águas não seriam suficientes para também afogar o cavalo do imperador, reputado desde a juventude como bom nadador. Assim, a tese de que, ao tentar cruzar o rio a vau, as gélidas águas do mesmo tenham feito com que o cavalo perdesse o controle e caído com seu cavaleiro e aí sim, Frederico teria sofrido o choque térmico e isso levado a um ataque cardíaco, que pode ter sido fulminante ou levado-o ao afogamento.

É evidente que esta morte inglória (e, por que não dizê-lo, anticlimática) foi comemorada pelos islâmicos e mesmo por cristãos inimigos de Frederico, mas o prestígio do império permaneceu intacto, porque só uma morte fora de momento “removeu o heróico imperador, como um segundo Moisés, da cena de seus triunfos, e o fato de que ele havia morrido nas misteriosas terras do distante oriente, era suficiente para cercá-lo com o lustro romântico da devoção a um grande ideal”.²⁶

²⁶ HAMPE, p. 219.

E isso contribuiu poderosamente para a formação e manutenção das lendas em torno de Frederico Barbarossa, um dos poderosos reis que retornarão no caso de necessidade de seus povos, como Artur, Carlos Magno, Frederico II (seu neto) e mesmo Dom Sebastião. Uma célebre companhia de fato.

V. Conclusão

À guisa de conclusão, podemos conjecturar algumas hipóteses. Petrus de Ebulo era um cortesão siciliano que apoiava as ambições de Henrique VI, que abarcavam mais do que a Sicília. Tanto que ele morreu enquanto preparava sua partida para a Terra Santa, já que um contingente germânico havia aportado no oriente. Aliás, devido à sua política matrimonial, estava negociando a união de seu irmão Felipe, elevado a duque da Toscana (1195) e da Suábia (1196), com Irene Angelina, filha do rival bizantino de seu pai, Isaac II Angelus. Fato este que os envolveu diretamente com a política interna do império bizantino.

Henrique VI tencionava expandir seu domínio pela bacia oriental do Mediterrâneo, política cujo germe estava na constatação do enfraquecimento bizantino durante a expedição de Frederico I. Felipe buscou também capitalizar sobre suas conexões bizantinas, mas como entrou em uma guerra civil após a morte de Henrique VI contra Otto IV, não pôde participar da conquista de Bizâncio pela Quarta Cruzada, movimento muito estimulado por ele.

Por outro lado, podemos interpretar as imagens presentes no documento como registro do testemunho ocular de participantes sobreviventes da cruzada de Barbarossa, como o já mencionado Markward de Annweiler e a construção de uma versão oficial da morte do imperador, talvez mais honrosa do que o simples afogamento em acidente de natação.

Mas, entre as múltiplas interpretações que podemos dar ao *Liber ad Honorem Augusti*, não podemos deixar de considerá-lo como um monumento às intervenções dos Hohenstaufen no mundo mediterrânico.

Bibliografia**Fontes**

- CHONIATES, Niketas (trad. Harry J. Magoulias). *O City of Byzantium: Annals of Niketas Choniates*, Wayne State University Press, 1984
- FALBEL, Nachman. *Kidush HaShem – Crônicas Hebraicas sobre as Cruzadas*, São Paulo: EDUSP/Imesp, 2001.
- GABRIELI, Francesco. *Arab Historians of the Crusades*, Berkeley: UCLA Press, 1984.
- PETRUS DE EBULO (ed. G.B. Siragusa). *Liber ad Honorem Augusti*, Roma: Istituto Storico Italiano, 1906.
- PETRUS DE EBULO (ed. Theo Köhlzer e Marlis Stähli). *Liber ad Honorem Augusti – Eine Bilderchronik der Stauferzeit*, Sigmaringen: Jan Thorbecke Verlag, 1994.
- Quellen zur Geschichte des Kreuzzuges Kaiser Friedrichs I.*, ed. Anton Chroust, *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores rerum Germanicarum*, n.s., 5, Berlin: Monumenta Germaniae Historica, 1928.

Bibliografia

- ARNOLD, Benjamin; *German Knighthood 1050-1300*, Oxford: OUP, 1985.
- ARNOLD, Benjamin; *Medieval Germany 500-1300: A Political Interpretation*, Basingstoke: Macmillan, 1997.
- BLACK, Jeremy (ed.). *Great Military Leaders and Their Campaigns*, Londres: Thames & Hudson, 2008.
- CARDINI, Franco. *Il Barbarossa: Vita, trionfi e illusioni di Federico I Imperatore*, Milano: Oscar Mondadori, 2000.
- CHAZAN, Robert, “Emperor Frederick I, the Third Crusade and the Jews,” *Viator* 8 (1977), 83–93.
- CLASSEN, Pierre. “La politica di Manuele Comneno tra Federico Barbarossa e le città italiane”, Turim, *Atti XXXI 11° Congr. stor. Subalpino*, 1970, pp. 263-279
- DELBRÜCK, Hans. *Medieval Warfare*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1990.
- FRANCE, John. *The Crusades and the Expansion of Catholic Christendom 1000-1714*, Londres: Routledge, 2005.
- FUHRMANN, Horst. *Germany in the High Middle Ages c. 1050-1200*, Cambridge: CUP, 1995.
- GRAVETT, Christopher. *German Medieval Armies 1000-1300*, London: Osprey, 1997.
- HAMPE, Karl. *Germany Under the Salian and Hohenstaufen Emperors*, Rowman and Littlefield, 1973
- HAVERKAMP, Alfred. *Medieval Germany 1056-1273*, Oxford: Oxford University Press, 1992.
- HUFFMAN, Joseph P. *The Social Politics of Medieval Diplomacy: Anglo-German Relations (1066-1307)*, University of Michigan Press, 2000
- JEEP, John M. (ed.); *Medieval Germany: An Encyclopedia*, Londres: Routledge, 2001.
- LAIYOU, Angeliki & MOTTAHEDEH, Roy Parviz. *The Crusades from the Perspective of Byzantium and the Muslim World*, Washington DC: Dumbarton Oaks, 2001.
- MAALOUF, Amin. *As Cruzadas Vistas Pelos Árabes*, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MAGDALINO, Paul. *The Empire of Manuel I Komnenos, 1143-1180*, Cambridge: CUP, 2002.
- MAYER, Hans Eberhard. *The Crusades*, Oxford, OUP, 1990
- MUNZ, Peter. *Frederick Barbarossa: A Study in Medieval Politics*, Ithaca: Cornell UP, 1969.
- NICHOLSON, Helen. *Medieval Warfare: Theory and Practice of War in Europe 300-1500*, New York: Palgrave/Macmillan, 2004.
- OMAN, Sir Charles W. C.; *A History of the Art of War in Middle Ages: 378-1485*, London: Greenhill, 2 vol., 1999
- PACAUT, Marcel. *Frederick Barbarossa*, Londres: Collins, 1970.

- RUNCIMAN, Steven. *The History of the Crusades*, London: Penguin, 1985, 3 vol.
- SETTON, Kenneth (ed.). *A History of the Crusades II – The Later Crusades 1189-1311*, Madison: University of Wisconsin Press, 1969.
- SMAIL, R.C. *Crusading Warfare: 1097-1193*, Cambridge: CUP, 1995.
- TYERMAN, Christopher. *God's War – A New History of the Crusades*, Londres: Penguin, 2007.
- VERBRUGGEN, J. F. *The Art of Warfare in Western Europe During the Middle Ages*, Woodbridge: Boydell, 1998.